



## COMPREENDENDO RELAÇÕES TÓXICAS: UMA ABORDAGEM A PARTIR DE “É ASSIM QUE ACABA” DE COLLEEN HOOVER

Isadora Machado Möbbs<sup>1</sup>

Lara Roberta Avila<sup>2</sup>

Martyna Cavalheiro do Amaral Fagundes<sup>3</sup>

Akemi Weber Oba<sup>4</sup>

Dyonathan Guterres Santos<sup>5</sup>

Cátia Cristina dos Santos Padilha<sup>6</sup>

Escola Estadual de Ensino Fundamental Ijuí

Relato de Pesquisa

Direitos Humanos

### Introdução

Ler é adquirir conhecimento, é o que costumamos ouvir, mas existe outra visão, a visão dos leitores, aqueles que utilizam a leitura como maneira de viver experiências diversas, um apoio para quem não considera esse mundo suficiente.

Ao ler o livro “É Assim Que Acaba”, vivenciamos junto à protagonista, Lily, a aflição de suas escolhas, da situação que ela passa. Esta obra é considerada a mais pessoal da autora, Colleen Hoover, abordando sem medo, um dos problemas mais delicados da sociedade, explorando a complexidade das relações tóxicas, mostrando que muitas vezes o amor e o abuso estão presentes em uma confusão de sentimentos.

<sup>1</sup> Estudante do 8º ano da E. E. E. F. Ijuí, [isadora-mobbs@educar.rs.gov.br](mailto:isadora-mobbs@educar.rs.gov.br)

<sup>2</sup> Estudante do 8º ano da E. E. E. F. Ijuí, [lara-6456600@educar.rs.gov.br](mailto:lara-6456600@educar.rs.gov.br)

<sup>3</sup> Estudante do 8º ano da E. E. E. F. Ijuí, [martyna-cdafagundes@educar.rs.gov.br](mailto:martyna-cdafagundes@educar.rs.gov.br)

<sup>4</sup> Estudante do 8º ano da E. E. E. F. Ijuí, [akemi-oba@educar.rs.gov.br](mailto:akemi-oba@educar.rs.gov.br)

<sup>5</sup> Estudante do 8º ano da E. E. E. F. Ijuí [dyonathan-gdsantos@educar.rs.gov.br](mailto:dyonathan-gdsantos@educar.rs.gov.br)

<sup>6</sup> Professora de Língua Portuguesa, orientadora do trabalho, [catia-cpadilha@educar.rs.gov.br](mailto:catia-cpadilha@educar.rs.gov.br)



27 de outubro de 2023 - Unijuí - Campus Ijuí



Por meio da personagem principal, podemos compreender um pouco do quanto a mente das mulheres que passam por isso, é turbulenta. Dessa forma, podemos declarar que apesar de saber dos gatilhos presentes na obra, nenhum leitor está preparado para o quão pesado é o livro. Ele faz com que sintamos repulsa, angústia e aflição com um enredo fictício que retrata a rotina real de muitas mulheres.

Nosso objetivo com o presente trabalho de pesquisa é a partir de uma obra de ficção pensar a realidade vivenciada por muitas mulheres.

Acreditamos que o tema abordado no livro é importante, pois em meio a uma sociedade desigual nas relações de gêneros, a consciência e compreensão da complexidade e da profundidade do problema é fundamental para que a injustiça seja reconhecida e de certa forma, contida.

### Caminhos Metodológicos

O presente trabalho de pesquisa realizou-se nas aulas de Língua de Portuguesa, na qual foi realizada a leitura do livro “É Assim Que Acaba” de Colleen Hoover, posteriormente a obra foi apresentada e discutida em sala de aula. A partir de então foi definido o tema dessa pesquisa. A qual foi realizada através da leitura de artigos e leis que abordam o assunto em estudo. E também do depoimento de uma vítima de violência contra a mulher.

### Resultados e discussões

No senso comum, associamos a violência contra a mulher aos casos de agressão física, que deixam marcas visíveis. Contudo, existem outros tipos de violência que afetam centenas de brasileiras diariamente. São aquelas formas de agressão que são visíveis apenas aos olhos das vítimas, mas que frequentemente causam danos profundos à autoestima e à dignidade de muitas mulheres, e que também podem ser denunciadas.

A Lei Maria da Penha, aprovada em 2006, é a grande referência, pois define e tipifica as formas de violência contra a mulher. Essa lei prevê cinco tipos de violências domésticas e familiares: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial, as quais vamos abordar brevemente, segundo Mansuido (2020, s/p), a seguir:

**I. Violência física:** qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal da mulher, por exemplo, espancamento, lesões com objetos cortantes,

27 de outubro de 2023 - Unijuí - Campus Ijuí



sufocamento, atirar objetos, ferimentos causados por arma de fogo, entre outros.

**II. Violência psicológica:** qualquer conduta que cause dano emocional e diminuição da autoestima; prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento da mulher; ou vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões. Por exemplo, ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição, insultos, chantagens, entre outros.

**III. Violência moral:** qualquer comportamento que configure calúnia, injúria ou difamação como, por exemplo, expor a vida íntima, acusar a mulher de traição, desvalorizá-la pela forma de se vestir, rebaixar a mulher por meio de xingamentos, entre outros... (MANSUIDO, 2020, s/p)

Desta forma, percebemos que a violência contra a mulher vai muito além da agressão física e, que assim como essa, provoca danos irreparáveis.

Durante a infância e adolescência, Lily presencia diversas situações em que o pai agride sua mãe de diversas formas. Presenciar essas situações, fez com que Lily adquirisse uma opinião de certa forma errada, pois ela acreditava que sair de um relacionamento abusivo seria simples.

Esse é um equívoco comum entre as pessoas que não vivenciam situações de violência ou que não conhecem com profundidade as histórias e relatos de vítimas de violência.

A história de Lily é fictícia, mas as componentes desse grupo entrevistaram uma vítima de violência doméstica da vida real e que nos forneceu alguns relatos sobre os abusos e violências vivenciados por ela. Assim, com a autorização da vítima, porém para manter a sua privacidade, vamos chamá-la de vítima A, traremos alguns desses relatos.

De acordo com a Vítima A, o agressor a deixava vários dias desassistida, sem alimentos e sozinha, mesmo grávida, e quando retornava para casa, além da agressão física, havia a agressão psicológica:

[...] O tempo passou e eu fui gostando cada vez mais dele. Aí, engravidei e fui morar com ele na casa dos pais dele. [...] Então, **eu era culpada pela vida que ele tinha, e tudo o que ele fazia, a culpa era minha. Se ele usava droga, eu era a culpada. Ele ficava muito agressivo quando eu o questionava.** (VÍTIMA A, 2023, s/p., grifos nossos).

Muitas vezes as vítimas de violência não encontram apoio entre familiares e/ou são agredidas por eles também. É o que aconteceu com a Vítima A:

Minha vida virou um inferno. **Ele me deixava vários dias sozinha em casa, sem comida, e eu não tinha dinheiro, pois ele trazia a comida para nós.** Eu ia na casa dos pais dele pedir comida. Às vezes, eu ganhava e às vezes não. **Eles diziam que já estavam de saída e que não dava para eu ficar ali.** (VÍTIMA A, 2023, s/p., grifos nossos).

No relato, a vítima conta que o agressor, seu marido, chegava em casa bêbado diariamente e a agredia fisicamente. Vemos uma situação semelhante no livro quando Ryle questiona Lily sobre um imã da geladeira, o qual ela ganhou de Atlas, seu antigo amor. Então, bêbado, ele a morde e tenta estuprá-la.

Depois, fomos morar em outra casa, e ali eu sofri muito também. Ele chegava bêbado todos os dias, sem dinheiro para nada. **Ele me batia, mesmo eu estando grávida. Ele prometia me matar e eu tinha medo.** Quando minha filha nasceu, minha mãe foi minha salvação. Tudo o que eu precisava, eu pedia para ela. Um dia, vim para Ijuí para visitar minha mãe e ela viu meus braços todos marcados dos apertos que ele me dava. (VÍTIMA A, 2023, s/p., grifos nossos).

Analisando o relato da vítima, percebemos que ela conta que era constantemente ameaçada de morte e muitas vezes agredida, com medo do que poderia acontecer, ela preferia aguentar tudo calada.

Nem sempre a violência cessa quando há a separação entre a vítima e o agressor, no caso da Vítima A, a fuga acaba com o ciclo e violência doméstica, mas tornou-se vítima de violência patrimonial, uma vez que a vítima teve que abandonar tudo, deixando os poucos pertences que possuía.

### Conclusão

Ao finalizarmos este estudo percebemos que as mulheres violentadas têm dificuldade de sair e denunciar os relacionamentos e ambientes nos quais elas sofrem as agressões. Isso ocorre devido a diversos fatores, entre eles, os principais são: a dependência que essas mulheres possuem de seus agressores e as ameaças que costumam receber dos mesmos.

Na maior parte das vezes, na cabeça das vítimas, viver em um lar no qual é violentada, ainda é melhor do que não ter onde viver. Ser agredida constantemente costuma parecer, para elas, melhor do que não ter como sustentar o filho ou a si mesmas. Elas se forçam a permanecer em um ciclo violento por medo de não saber como viver sem o cônjuge, por depender financeira e emocionalmente dele.

O outro fator que destacamos são as ameaças, as quais são normalmente de morte, podendo ser contra a própria mulher ou algum ente querido da vítima como filho, mãe, entre outros. E, também é possível que o agressor ameace a própria vida, no caso de a vítima ser dependente dele emocionalmente.

Considerando isso, sabemos que é muito complexo para quem nunca vivenciou ou vivencia a violência doméstica, entender o porquê de as vítimas não saírem desses ciclos. Normalmente, é fácil, para nós, apontar o dedo para essas mulheres e dizer o que elas devem fazer. Contudo, fornecer apoio, emocional, judicial ou financeiro, seria muito mais eficiente.

Entendemos a partir da realização deste trabalho que se faz necessário apoiar as mulheres que sofrem violência doméstica incondicionalmente, sem pré-julgamentos para que as mesmas se sintam confortáveis e seguras em fazer uma denúncia e abandonar esses ciclos.

Vale destacar que é difícil para nós, enquanto meninas-mulheres, entender o tempo de cada vítima, ou seja, o tempo que cada mulher vítima de violência leva para reconhecer o abuso que sofre e se dispor a relatar e/ou denunciar. No entanto, descobrimos que de acordo com a Lei, qualquer pessoa pode fazer a denúncia. Entendemos que essa é uma forma de proteger as vítimas mesmo sem que ela o faça pessoalmente, em um primeiro momento.

Por fim, vale salientar ainda, que por meio da literatura, iniciamos um debate relevante sobre este tema delicado, violência contra a mulher. Uma vez que ao lermos o livro, sentimos a necessidade de divulgá-lo não apenas como entretenimento, mas também como objeto de conhecimento, pois acreditamos que conhecer o assunto é de suma importância e, ler o livro nos disponibilizou uma visão alternativa, a visão da vítima, ainda que de maneira superficial.

Procuramos ressaltar neste trabalho de pesquisa a notoriedade de discutir sobre um tema relevante como a violência contra a mulher. Sempre apontando a complexidade dos casos, e a importância de respeitar a decisão da mulher que está ou já foi agredida.

Buscamos informar e dar visibilidade para tal debate, que deve ser aplicado em diferentes espaços da sociedade, principalmente nas escolas, ambiente no qual estamos em processo de desenvolvimento, aprimorando nosso pensamento crítico e fundamentando nossos princípios.

### Referências

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. (2006). **Lei Maria da Penha Lei n. 11.340 de 7 de agosto de 2006**, coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília: 2006.

HOOVER, COLLEEN. **É assim que acaba**. Tradução de Priscila Catão. Rio de Janeiro: Galera Record, ed. 17ª, 2021.

MANSUIDO, Mariane. Você conhece os tipos de violência contra a mulher? *In: CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO*, 2020. Disponível em:



# 7ª MoEduCiTec

Mostra Interativa da Produção Estudantil  
em Educação Científica e Tecnológica

1ª Mostra de Extensão Unijuí

O Protagonismo Estudantil em Foco

27 de outubro de 2023 - Unijuí - Campus Ijuí



Educação  
nas Ciências  
MESTRADO E DOUTORADO  
UNIJUI



<https://www.saopaulo.sp.leg.br/mulheres/voce-conhece-os-tipos-de-violencia-contr-a-mulher>. acesso: 28 de agosto de 2023, às 21h21min.